

Brasil apresenta a credor projeto de conversão

Neste fim de semana, o economista Fernão Bracher trabalha intensamente. Está preparando um projeto de programa brasileiro de conversão de dívida que já decidiu levar aos credores na viagem que faz a partir de terça-feira aos Estados Unidos, e que já tem algumas linhas definidas: só haverá conversão de juros; os investimentos em setores destinados à exportação serão incentivados através de um prazo menor para repatriação de capital; o governo estabelecerá uma diferenciação quanto a de prazos de remessa em forma de lucros e dividendos e quanto à obrigação de colocação de dinheiro novo, dependendo do setor que se quiser incentivar ou evitar a entrada de capital estrangeiro. Será também proibida a simples compra de empresas.

Diante da proposta, os credores poderão lembrar aos negociadores brasileiros que a proibição expressa de conversão de dívida foi consagrada pelo menos no anteprojeto da Comissão de Sistematização da Constituinte. "Vamos dizer a eles que um país que vive um processo de Constituinte está sujeito a essas surpresas", prepara-se Fernando Milliet, presidente do Banco Central. Ele está convencido de que, mesmo com restrições, é preciso haver um programa brasileiro de conversão.

E não sem motivo. Desde que chegou no Banco Central, Milliet tem ouvido insistentes perguntas de banqueiros e de empresas estrangeiras sobre a conversão no país. Pelas contas de Milliet, se forem somadas todas as empresas, instaladas ou não no país, que já manifestaram ao Banco Central interesse de investir caso seja definido um programa de conversão, chega-se à alentadora cifra de US\$ 1 bilhão. "Isto não significa que todos esses investimentos se confirmariam", avisa Milliet, lembrando que tudo depende das normas que forem baixadas pelo governo. Mas é um bom indicador.

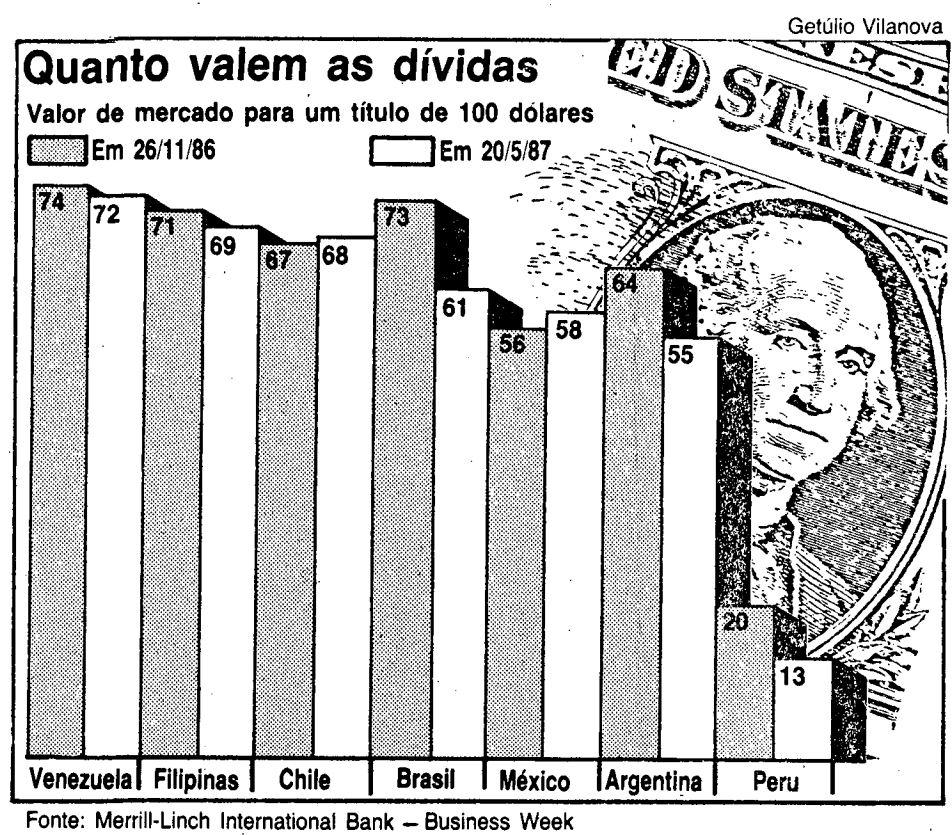
"Onde conseguir o dinheiro necessário para investir no país?" pergunta-se um entusiasta da conversão, o presidente da Comissão de Valores Mobiliários, Luís Octávio da Motta Veiga. O Brasil, que no ano passado enfrentou a realidade ter, sem saída de capital, o dobro de todos os investimentos e reinvestimentos no país (ver quadro) ameaça bisar este ano a má performance. Diante desse quadro, a opinião de economistas e de empresários em geral é que aparentemente é pela via da conversão que se conseguirá a curto prazo estimular a entrada de dinheiro no país.

O Montrealbank, que anunciou recentemente o interesse de converter US\$ 100 milhões da sua dívida em investimento, já recebeu mais de 20 propostas de empresários brasileiros dispostos a aceitá-lo como sócio. O presidente do banco no Brasil, Pedro Leitão da Cunha, conta 15 oportunidade de negócios detectados e anuncia que se a experiência der certo, poderemos realizar mais conversão".

O caso do Montreal não é isolado. Hoje o assunto é constante entre os empresários e são muitos os negócios que começam a se armar no país, apesar das restrições. Desde 1984 só são permitidos no país os mecanismos de conversão feitos diretamente pelo banco credor ou entre a matriz e a filial de uma companhia multinacional no Brasil. Antes disso o empresário Ivoncy Ioschpe conseguiu comprar para seu grupo, a empresa Massey Ferguson com dinheiro da conversão da dívida. "A partir desta época comecei a pensar seriamente na conversão como a única fórmula de conseguir alavancar recursos para os investimentos no Brasil", conta o empresário. Ele receita para o país um programa "ambicioso e que não tenha medo da desnacionalização".

Este é justamente o temor do deputado Paulo Ramos, que na semana passada mobilizou um eficiente esquema para garantir que a nova Constituição brasileira tratasse de abolir esse prato do cardápio da solução da dívida brasileira. O movimento de Paulo Ramos, que foi comparado por um bem-humorado economista carioca como o primeiro passo para que se inicie a campanha "a dívida é nossa" é inteiramente equivocado na opinião de Motta da Veiga. "Parte do pressuposto de que a conversão é para resolver o problema do banco, quando pode, se for bem programado, ser uma das soluções para os problemas nacionais", imagina.

Reportagens de Luís Leonel, Salvador Pane Baruja, José de la Peña Neto, Marcelo Auler, Jaime Matos, Consuelo Dieguez e Darci Higobassi



Investimentos Estrangeiros no Brasil			
US\$ milhões			
Período	Conversão	Saída	Investimentos líquidos mais reinvestimentos
1980	39,3	147,1	1.532,0
1981	1,8	110,3	2.325,7
1982	143,2	143,0	2.546,9
1983	452,0	157,8	1.359,0
1984	745,6	112,3	1.548,7
1985	581,2	262,9	1.262,8
1986	205,8	636,7	340,0
1986 (1º Sem)	161,0	231,8	248,1
1987 (1º Sem)	—	194,7	—